

**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-304****MIASTENIA GRAVIS EM UM FELINO**

Aline Schafrum Macedo<sup>1</sup>; Rochana Rodrigues Fett<sup>2</sup>; Renato Barbosa Silva<sup>3</sup>; Camila de Oliveira Pereira<sup>2</sup>; Marcelo Meller Alievi<sup>4</sup> <sup>1</sup>M.V. Autônoma; <sup>2</sup>Clínica Chatterie Saúde do Gato; <sup>3</sup>Batalhão de Polícia do Exército de Brasília (BPEB); <sup>4</sup>Departamento de Medicina Animal, Faculdade de Veterinária (FaVet), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: limacedo@gmail.com

O presente trabalho relata um caso de MG em um felino de seis meses de idade. A Miastenia gravis (MG) é uma desordem de transmissão neuromuscular resultante de deficiência ou distúrbio funcional do receptor de acetilcolina nicotínico congênita ou auto-imune. Em ambos os casos, o resultado é fraqueza muscular focal ou generalizada. A MG é uma doença rara que tem sido relatada em apenas algumas raças de cães, particularmente rara em gatos. Foi atendido um felino, macho, exótico, seis meses de idade com quadro de paralisia flácida de membros posteriores. Ao exame neurológico foi constatada ausência de reflexos espinhais de membros torácicos e pélvicos, reflexos palpebrais diminuídos e sensibilidade dolorosa preservada. O exame de creatina quinase foi 1200UI/l. O paciente foi tratado com brometo de piridostigmina 0,04 mg/kg IV a cada duas horas por 24h. A dose foi aumentada para 2 mg/kg BID por três meses. Em 15 dias o quadro clínico do paciente melhorou com recuperação do tônus muscular e reflexos espinhais. Após três meses a medicação foi descontinuada, e o paciente não apresentou novos sinais da doença. Com base nos sinais clínicos e na resposta à medicação foi confirmado o diagnóstico terapêutico. A MG adquirida é a doença auto-imune que afeta o sistema neuromuscular. Ao contrário da maioria das doenças auto-ímunes, o auto-antígeno incitante é conhecido e existem terapias específicas. Apesar dos sinais clínicos também abrangerem regurgitação (como um resultado da dilatação esofágica), disfagia (como um resultado de uma disfunção da faringe), mudança de voz (como resultado de anormalidades laríngeas paralisia dos nervos cranianos) o felino do presente relato não apresentou nenhum desses sinais. Há também uma associação de timomas com MG, o mesmo não foi observado nesse caso. Em um estudo recente, as duas manifestações clínicas mais comuns de MG observadas em gatos eram fraqueza generalizada, sem megaesôfago (28,6%) e fraqueza generalizada associada com uma massa mediastinal cranial (25,7%). A MG é uma disfunção neuromuscular importante e deve ser considerada no diagnóstico diferencial para gatos com fraqueza muscular.

**Palavras-chave:** paralisia flácida, acetilcolina, gato, desordem neuromuscular.

**ANIMAIS SILVESTRES****P-305****DISTOCIA EM SAGUI DO TUFO BRANCO (*CALLITHRIX JACCHUS*, LINNAEUS 1758) POR TRAUMATISMO AUTOMOBILÍSTICO**

Simone Loiola Gomes<sup>1</sup>; Daniara Cristina Soares de Macêdo<sup>1</sup>; Raquel de Carvalho Costa<sup>1</sup>; Thiago Galvão Coelho<sup>2</sup>; Ivana Cristina Nunes Gadelha Lélis<sup>3</sup>; Carlos Iberê Alves Freitas<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Discente do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi Árido – UFERSA; <sup>2</sup>Médico Veterinária; <sup>3</sup> Departamento de Ciências Animais – UFERSA. E-mail: simone\_loiola@hotmail.com

O sagui do tufo branco é uma espécie de primata que pesa 240 gramas, de aproximadamente 30 cm de corpo, com cauda de 35cm não preênsil, unhas longas em formas de garras, exceto o polegar, alimentam-se de frutos e gomas de certas árvores, pequenos insetos e larvas, vivendo por até 20 anos. A distocia é dificuldade que o(s) feto(s) encontra(m) para ser(em) expulso(s) do útero da fêmea gestante em decorrência de problemas de origem materna, fetal ou de ambos (MONTANHA, 2012). Este trabalho relata um caso de distocia com morte do feto pelo traumatismo e agravada pela desnutrição da mãe. Uma fêmea jovem, em péssimo estado nutricional, após ser jogada pela janela de um carro sofreu atropelamento, sendo encaminhada ao Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET/ UFERSA. A paciente apresentava as seguintes características: ausência de fraturas; temperatura de 35,5°C; depressão; prostração; desconforto; vulva dilatada com discreto corrimento seroso sanguinolento na região baixa do abdômen e pelve; dilatação compatível com gestação, apesar de não apresentar contração produtiva, sendo que se conseguiu visualizar pelos da cabeça de filhote. Optou-se por aquecimento do animal para corrigir a hipotermia, hidratação com manutenção da glicemia, intervenção terapêutica e manipulação obstétrica pelo posicionamento do filhote já encaminhado. Foi feita a administração de oxitocina (uso parenteral) para indução ou potencialização do trabalho de parto, além de infusão intravenosa gota a gota de uma solução de dextrose contendo oxitocina 1 UI por 100 ml, associada a gluconato de cálcio 2 ml de uma solução a 10%, bolsa térmica e massagem no sentido da púbis. Após 40 minutos ocorreu inércia uterina não responsiva a oxitocina, com expulsão até o pescoço de um natimorto que através de manipulação obstétrica foi tracionado. A necropsia evidenciou ruptura de cordão umbilical proximal ao filhote, culminando com a sua morte por afogamento pelo líquido amniótico pela ruptura da bolsa, proveniente do traumatismo automobilístico.

**Palavras-chave:** Distocia, *Callithrix jacchus*, trauma.